

Sessão nº 25

O resto do NT depois dos 4 Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos

Bíblia Sagrada
Difusora Bíblica
in _____, com acrescentos, cortes e adaptações

CARTAS DE PAULO (todas?)

O nome de Paulo aparece como autor de 13 Cartas do Novo Testamento, escritas a diferentes comunidades, ao longo de uns cinquenta anos. Não sabemos ao certo quem e como se fez a colecção do chamado "Corpus Paulino". Esta colecção contém as Cartas "proto-paulinas" - ou seja, as autênticas, as que ele próprio escreveu - e as dêutero-paulinas, escritas talvez por discípulos seus.

São proto-paulinas:

Romanos,
Gálatas,
1 Tessalonicenses,
1 e 2 Coríntios,
Filipenses,
Filémon;

As dêutero-paulinas - escritas entre 70 e 100 - são as "Cartas Pastorais"

1 e 2 Timóteo,
Tito,
e as restantes: Efésios, Colossenses, 2 Tessalonicenses. Ao todo, treze Cartas.

No fim do séc. II, a colecção das treze "Cartas de Paulo" (lista que incluía frequentemente Hebreus - que não é atribuída a Paulo) estava feita e era aceite em toda a Igreja como Palavra de Deus (ver 2 Pe 3,15-16).

PAULO ESCRITOR?

Paulo não foi primariamente um escritor, mas um rabino convertido na célebre "Visão de Damasco" (Act 9,1-19; 22,4-21; 26,9-18) que percorreu muitos milhares de quilómetros anunciando de cidade em cidade o "Evangelho" da morte e ressurreição de Jesus. Não lhe interessou narrar a vida de Jesus nem sequer os seus milagres. Há por isso quem "acuse" Paulo de não apresentar o Jesus humano, mas sempre o Jesus divino. Sempre O vê pós-ressuscitado e na glória do Pai. As Cartas eram o único meio ao seu alcance para comunicar com as comunidades recentemente formadas.

Entre as Cartas autênticas de Paulo estão, assim, os primeiros escritos cristãos que chegaram até nós. Há, pois, uma íntima relação entre as Cartas e a geografia das primeiras comunidades cristãs dos anos 50-60. Os Doze, que viviam em Jerusalém e viajaram muito pouco, na sua maioria não sentiram a necessidade de escrever Cartas. Podiam responder oralmente às pessoas e à comunidade. Daí o carácter geralmente circunstancial destes escritos, que não tinham propósitos propriamente teológicos. Paulo era, antes de mais, um missionário: "Ai de mim, se eu não evangelizar!" (1 Cor 9,16). A Carta aos Romanos é a exceção mais evidente a este respeito; e Colossenses e Efésios preocupam-se mais com a teologia da Igreja do que com os problemas das igrejas.

GÉNEROS LITERÁRIOS E ESTRUTURA

Por tudo o que acabamos de referir, as Cartas de Paulo encerram géneros literários bem diferentes: desde o tratado teológico sobre a fé, da Carta aos Romanos, até ao simples bilhete a Filémon, passando pela multiplicidade temática de 1 e 2 Coríntios. Estes géneros literários devem-se sobretudo ao circunstancialismo das suas Cartas, mas também ao temperamento arrebatado de Paulo, unido à sua espiritualidade de convertido. Não podemos ainda esquecer os métodos da exegese rabínica em que Paulo era mestre, por ter frequentado a escola de Gamaliel, assim como a linguagem própria

de um semita. Por tudo isto, utiliza frequentemente a linguagem da diátribe cínico-estóica e da antítese e do exagero semita (ver Gl 3,19; 1 Cor 2,2).

As grandes antíteses de conteúdo teológico de Paulo são: Vida-Morte, Carne-Espírito, Luz-Trevas, Sono-Vigília, Sabedoria-Loucura da Cruz, Letra-Espírito, Lei-Graça (2 Cor 3,1-16).

As Cartas de Paulo têm uma estrutura própria deste género literário:

Saudação.

Paulo dirige-se a determinada comunidade cristã e saúda-a, por vezes longamente, desejando-lhe os bens cristãos em que aparece, com frequência, a fórmula trinitária. Nesta saudação encontra-se já um resumo da fé cristã.

Corpo da Carta.

Aqui desenvolve a sua doutrina, faz as suas exortações e responde aos problemas e questões da comunidade. Esta parte constitui a quase totalidade da Carta e mostra-nos qual o seu objectivo.

Conclusão.

Por vezes, é bastante extensa e contém várias saudações e ações de graças de origem litúrgica (ver Fl 4,2-23).

TEOLOGIA

O conteúdo teológico das Cartas de Paulo é variado: escatológico, ou seja, a doutrina que se refere aos últimos acontecimentos da História da Salvação; soteriológico, sobre o papel de Deus e do crente na salvação, por meio de Cristo; cristológico, o lugar central de Cristo na realização do plano salvador de Deus; eclesiológico, o papel que Deus confiou à Igreja, por meio de Cristo, para a realização do seu plano de salvação integral da humanidade. Paulo elabora ainda a Tradição ("parádosis"), a partir de temas tradicionais do judeo-cristianismo ou do helenismo. Recolhe hinos, por exemplo, imprimindo-lhes um cunho pessoal. A sua teologia está em contínua elaboração. Por isso, não podemos esperar dele uma teologia plenamente estruturada, nem no seu conjunto nem acerca de qualquer tema especial.

O modo como Paulo utiliza o Antigo Testamento ressent-se da sua formação rabínica. Nas 13 Cartas encontramos 76 citações formais introduzidas com as fórmulas próprias: "Como diz a Escritura", "Como está escrito". Algumas citações do AT são feitas com grande liberdade (Rm 10,18; Sl 19,5; Ef 4,8; Sl 68,19), como acontece, por vezes, no Evangelho de Mateus. Um dos processos de argumentação mais utilizados por Paulo corresponde às sete regras de Hillel. Outro processo de interpretação é partir retrospectivamente de Cristo para o AT, fazendo uma interpretação de Cristo como novo Adão (Rm 15,12) ou novo Moisés (1 Cor 10,2). Neste caso, o Antigo Testamento está repleto de figuras e profecias do Novo Testamento. Isto coloca-nos uma questão:

COMO CONHECEU PAULO CRISTO E O CRISTIANISMO?

Depois da sua conversão, Paulo viveu certamente nalguma ou em várias comunidades cristãs, de Damasco ou da "Arábia" e viveu com os Apóstolos (Gl 1,15-24). Aí recebeu oralmente as instruções necessárias e conheceu coleções escritas ou orais de "Palavras do Senhor". Por isso, na sua argumentação, Paulo distingue as palavras do Senhor das suas próprias palavras ou opiniões acerca da indissolubilidade do matrimónio, da virgindade (1 Cor 7,10-25) e da retribuição dos ministros do Evangelho (1 Cor 9,14; ver 1 Tm 5,18). Outras vezes transmite quase textualmente a doutrina dos Evangelhos que, nessa altura, ainda não circulavam por escrito (1 Cor 11,23-25) e textos dos Sinópticos sobre a instituição da Eucaristia: Rm 12,14-18 e Mt 5,38-39; 1 Cor 6,7 e Mt 5,39-42; Rm 13,1-7 e Mt 22,15-22; Mc 12,13-17; Lc 20,20-26.

A grande preocupação de Paulo consiste em levar o Evangelho, pregado no ambiente da Palestina, para o mundo greco-romano. Por isso, as suas Cartas representam o primeiro e o maior esforço de "inculturação do Evangelho". A passagem da cultura semita para a cultura helenista deve-se sobretudo a Paulo, que levou o Evangelho anunciado por Jesus de Nazaré até às mais remotas regiões do Império Romano. Isto não quer dizer que Paulo tivesse em menor consideração a igreja de Jerusalém e a doutrina da Tradição por ela veiculada (ver Gl 2,2). A sua "visão de Damasco", não se opondo à doutrina tradicional, apenas justifica o seu "Evangelho", isto é, o novo sistema de justiça fundado sobre a fé e não sobre as obras da Lei, interpretadas no sistema farisaico, que era o seu, quando era rabino (Gl 3,23-24).

Teologicamente falando, os escritos de Paulo só se compreendem por esta sua mudança de campo: assimilou o sistema teológico dos cristãos de origem helenista, que antes perseguia, e começou a pregação contra o sistema judaico, que antes seguia com rigor de fariseu. Os próprios judeo-cristãos de Jerusalém foram certamente poupados na sua "perseguição" ao Cristianismo nascente, porque salvavam a relação umbilical entre Cristo e Moisés e não pareciam a Paulo mais do que um "desvio" farisaico.

Esta inculturação do Evangelho na cultura helenista - tipicamente cidadina - levou Paulo, homem da cidade, a utilizar uma linguagem mais teológica e abstrata, própria do ambiente evoluído em que pregou o Evangelho, em contraposição com a linguagem campestre utilizada por Jesus no ambiente agrícola e pastoril da Palestina.

PAULO, POR ELE PRÓPRIO

Sou Israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. (Rm 11,1) "Faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado, não o conheci à maneira humana; pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo. Ouvistes falar do meu procedimento outrora no judaísmo: com que excesso perseguia a igreja de Deus e procurava devastá-la; e no judaísmo ultrapassava a muitos dos compatriotas da minha idade, tão zeloso eu era das tradições dos meus pais.

Mas, quando aprouve a Deus - que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça - revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios, não fui logo consultar criatura humana alguma, nem subi a Jerusalém para ir ter com os que se tornaram Apóstolos antes de mim. Parti, sim, para a Arábia e voltei outra vez a Damasco.

A seguir, passados três anos, subi a Jerusalém, para conhecer a Cefas, e fiquei com ele durante quinze dias. Mas não vi nenhum outro Apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor. O que vos escrevo, digo-o diante de Deus: não estou a mentir.

Seguidamente, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Mas não era pessoalmente conhecido das igrejas de Cristo que estão na Judeia. Apenas tinham ouvido dizer: "Aquele que nos perseguia outrora, anuncia agora, como Evangelho, a fé que então devastava." E, por causa de mim, glorificavam a Deus (Gl 1, 11-24)

"São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? - Falo a delirar - eu ainda mais: muito mais pelos trabalhos, muito mais pelas prisões, imensamente mais pelos açoites, muitas vezes em perigo de morte.

Cinco vezes recebi dos Judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado com vergastadas, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, e passei uma noite e um dia no alto mar.

Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos! Trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez!

Além de outras coisas, a minha preocupação quotidiana, a solicitude por todas as igrejas! Quem é fraco, sem que eu o seja também? Quem tropeça, sem que eu me sinta queimar de dor?

Se é mesmo preciso gloriar-se, é da minha fraqueza que me gloriarei. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não minto" (2 Cor 11,22-31).

CARTAS PASTORAIS

No conjunto de Cartas ditas de São Paulo, mas certamente escritas por discípulos seus, as que são dirigidas a Timóteo e a Tito formam por isso mesmo um grupo à parte que se distingue pela forma e pelo conteúdo e que, desde o séc. XVIII são designadas por CARTAS PASTORAIS. Mas já o Cânon de Muratori chamava a atenção para o fundamento desse título, ao afirmar que elas "têm um caráter sagrado porque foram escritas para honra da Igreja católica e para a organização da disciplina eclesíastica". Timóteo e Tito são dois dos mais fiéis colaboradores do Apóstolo, e nestas Cartas são visadas as qualidades dos pastores, a natureza e a extensão das suas funções.

Estas e a Carta a Filémon são as únicas dirigidas a pessoas singulares. As três têm o mesmo estilo e o mesmo vocabulário, denunciam os mesmos erros e supõem as mesmas condições de tempo e de lugar.

AUTOR, DATA E CONTEXTO

Do exposto, resulta ser hoje muito contestada a atribuição tradicional destas Cartas a Paulo.

Mas há quem continue a defender a sua autenticidade paulina, justificando as divergências com a idade avançada do Apóstolo e os problemas novos que teria de enfrentar o velho missionário, depois da projetada viagem a Espanha (Rm 15,24), teria voltado às cidades gregas para regressar de novo, preso, a Roma, de acordo com um itinerário reconstituído a partir destas Cartas e da Carta de Clemente Romano; teria escrito, na Macedónia, a 1ª Carta a Timóteo, estando este em Éfeso (1 Tm 1,3), e a Carta a Tito, quando este estava em Creta (Tt 1,5), e já em Roma (2 Tm 1,8.16-17), a 2ª a Timóteo, depois de ter passado por Tróade (4,13) e Mileto (4,20).

Também há quem fale de interpolação tardia em escritos mais breves do Apóstolo, de fragmentos biográficos, doutrinários ou culturais, que terão dado a estas Cartas a sua forma atual. Há ainda os que sugerem a hipótese de um secretário-redator, com grande liberdade de ação, de que Paulo se teria servido e a quem deveriam ser atribuídos o vocabulário e o estilo, bem como os ensinamentos teológico-pastorais diferentes.

Finalmente, há os que pensam, porventura com mais probabilidade, que um discípulo, nos finais do séc. I, sob o nome e patrocínio do Apóstolo, se esforçou por fazer uma atualização da sua mensagem, para esclarecer as situações novas das comunidades cristãs. Pertencendo aos círculos paulinos, retomou os seus princípios, com sensibilidade diferente e noutra ambiente cultural. Este artifício de pseudo-epigrafia era conhecido do mundo antigo e da tradição bíblica e então considerado perfeitamente legítimo. Esta é a opinião actual da maioria dos exegetas.

GÉNERO LITERÁRIO

O género literário não é o habitual das Cartas de Paulo: falta-lhes originalidade e criatividade, acumulam-se fórmulas litúrgicas e hinos doxológicos, repetem-se fragmentos de catequese, catálogos de virtudes e de vícios, normas de tipo institucional, que mais parecem uma colectânea. Concretamente, 2 Tm pertence ao género dos "discursos de adeus", muito em voga no judaísmo, e constitui uma espécie de testamento espiritual.

ESTILO

Também o estilo não é o de Paulo: mais lento e monótono, sem a força e a riqueza exuberante que Lhe são características, de feição paternalista e moralizadora, menos conciso e mais redundante. Do mesmo modo, o vocabulário é diferente: num total de 902 palavras, 305 não se encontram nos outros escritos paulinos. E, se muitas delas podem ser atribuídas à novidade dos temas tratados e outras são termos comuns, ainda restam umas quarenta que resistem a uma triagem baseada nestes critérios.

CARACTERÍSTICAS COMUNS

Até ao séc. XIX, com uma ou outra exceção, a tradição sempre considerou Paulo como autor das três Cartas Pastorais. Atualmente, a crítica, ao confrontá-las com os outros escritos paulinos, descobriu sérios motivos para pôr em dúvida a sua autenticidade.

Encontram-se aqui as principais afirmações teológicas de Paulo: a salvação pela graça (Tt 3,7), mediante a fé (1 Tm 1,16; 2 Tm 3,15) e não pelas obras (2 Tm 1,9; Tt 3,5); a manifestação da bondade misericordiosa de Deus em Jesus Cristo (1 Tm 1,12-17), que, pelo Baptismo, como "banho de novo nascimento", nos deu a sua graça no Espírito Santo (Tt 3,5). Aparecem igualmente as habituais exortações aos escravos (1 Tm 6,1-2; Tt 2,9-10), a recomendação de orações pelas autoridades políticas (1 Tm 2,2; Tt 3,1) e o valor do sofrimento do Apóstolo para benefício dos fiéis (2 Tm 2,10).

Mas notam-se também variações e diferenças de perspectiva: a fé (1 Tm 4,1; 6,21), "a sã doutrina" a conservar (1 Tm 1,20; 2 Tm 4,3), "o depósito da fé" a guardar (1 Tm 6,20); em vez da vida no Espírito, insiste-se na necessidade das "boas obras" (1 Tm 2,10; 5,10.25); o amor já não é apresentado como a virtude por excelência, mas como uma virtude entre outras (1 Tm 4,12); raras são também as referências ao Espírito Santo, embora se Lhe atribua a eficácia do Batismo.

O autor quer prevenir das tendências heréticas em voga, mas difíceis de caracterizar. Parece tratar-se de especulações de matriz judaizante sobre a Lei, "genealogias", "fábulas judaicas" e sobre o puro e o impuro (1 Tm 1,4; 4,7; Tt 1,10.14), onde poderá descobrir-se o germen do dualismo gnóstico, como no caso da interdição dos alimentos e do matrimónio (1 Tm 4,3-5; Tt 1,15). Os que defendem estas doutrinas são falsos mestres, que se gloriam de possuir um conhecimento particular de Deus (Tt 1,16), uma espécie de pseudociência (1 Tm 6,20), em contraste com o "conhecimento da verdade" que se obtém pela sã doutrina (1 Tm 2,4).

Multiplicam-se as referências à organização das comunidades, com uma estrutura e desenvolvimento mais próprios de uma época posterior à de Paulo. Acentua-se a distinção entre os diversos ministérios, fala-se do "carisma" transmitido pela "imposição das mãos" (1 Tm 4,14), enquanto os outros fenómenos proféticos e carismáticos passam a segundo plano. Estamos, talvez, numa linha de evolução para o episcopado monárquico, que as Cartas de Santo Inácio de Antioquia testemunham.

CARTAS CATÓLICAS

Há um grupo de sete escritos do Novo Testamento que tem este título muito antigo: CARTAS CATÓLICAS. A partir do séc. IV, esta designação genérica foi reservada para as sete Cartas canónicas:

Tiago,

1.^a e 2.^a de Pedro,

1.^a, 2.^a e 3.^a de João

e Judas.

"Católico" significa universal, e tal deve ser a origem do nome destas Cartas: eram dirigidas a toda a Igreja, e não a comunidades ou pessoas concretas (exceto 2 e 3 Jo, anexas a 1 Jo). Mas nem todas estas Cartas foram, desde os primeiros tempos, universalmente reconhecidas como escritas inspiradas; por isso, o historiador Eusébio colocou as Cartas de Tiago, 2.^a de Pedro, 2.^a e 3.^a de João e Judas (assim como o Apocalipse) entre os "livros discutidos, embora admitidos pela maioria", aos quais chamamos Deuterocanônicos.

O acordo universal só se deu no Ocidente pelos fins do séc. IV e no Oriente nos séc. VI-VII.

Nem os autores, nem os destinatários, nem os temas tratados ou a sua forma literária justificam que estas Cartas formem um conjunto. Agruparam-se pelo simples facto de não serem escritas paulinas. Mas não têm um destinatário concreto, como acontece com as Cartas de Paulo.

Nos manuscritos antigos do Oriente apareciam depois de Actos e antes das Cartas de Paulo, pela ordem em que hoje as temos, o que deixa ver o grande valor em que já eram tidas; nos códices, liam-se no lugar que agora ocupam no conjunto dos livros do Novo Testamento, depois da Carta aos Hebreus e antes do Apocalipse de João.

CARTA AOS HEBREUS

Apesar de ser habitualmente conhecido como "Carta", este escrito do Novo Testamento não apresenta um início de carácter epistolar, mais parecendo o exórdio de um sermão (1,1-4). Tem um tom oratório, e o autor nunca aparece a dizer que escreve, mas sempre a dizer que fala (2,5; 5,11; 6,9; 8,1; 9,5; 11,32). Só nos últimos versículos (13,22-25) é que temos um final de Carta precedido por uma frase solene (13,20-21), que funciona como peroração. Considera-se, por isso, que estamos diante de um sermão destinado a ser pronunciado oralmente (1,1-13,21) e de um pequeno bilhete (13,22-25), que lhe foi acrescentado. Trata-se, então, mais de um discurso do que de uma Carta em sentido próprio.

DESTINATÁRIOS

Não encontramos no texto nenhuma referência aos Hebreus como destinatários, e nada indica que o grego em que está escrito seja uma tradução do hebraico. É, portanto, difícil dizer quais os seus destinatários, embora o título "aos Hebreus" seja muito antigo (séc. II).

Pode facilmente admitir-se que fosse dirigida a judeo-cristãos, saudosos do culto judaico que antes praticavam. O título parece justificar-se ainda mais, se tivermos em conta o conteúdo da Carta, pois ela pressupõe leitores bem conhecedores do culto e da liturgia judaica.

AUTOR, LOCAL E DATA

São igualmente imprecisos o autor, o local e a data da sua composição. As Igrejas do Oriente consideraram-na sempre como uma Carta paulina, apesar de muitos reconhecerem as suas diferenças em relação às outras Cartas de Paulo, sobretudo no que se refere à forma literária, à linguagem e estilo, à maneira de citar o AT e mesmo quanto à doutrina. A Igreja do Ocidente negou-lhe a **autoría** paulina até ao séc. IV e pôs, por vezes, em questão a sua condição de escrito inspirado e canónico.

A questão continuou controversa ao longo da história da exegese católica e protestante, mas atualmente é quase unânime a negação da autenticidade paulina. No entanto, admite-se que a CARTA AOS HEBREUS tenha tido origem num companheiro ou discípulo de Paulo, pois há vários pontos de convergência entre ela e a doutrina do Apóstolo: a paixão de Cristo como obediência voluntária, a ineficácia da Lei antiga, a dimensão sacrificial e sacerdotal da redenção e alguns aspectos da cristologia. Trata-se, sem dúvida, de um sermão cristão, cuja origem remonta à Igreja Apostólica, e, constitui, por isso, parte integrante da Palavra de Deus.

Há apenas um dado que pode apontar-nos para o **lugar** de composição. Trata-se de 13,24: "Os da Itália saúdam-vos." Mas trata-se de uma expressão que nada ajuda, por ser muito vaga e se prestar a várias localizações.

Quanto à **data** de composição, não pode aceitar-se uma época muito tardia, pois Clemente de Roma cita-a por volta do ano 95. Por outro lado, a relativa afinidade entre a sua teologia e a das Cartas do cativo (Ef, Cl, Flm), aponta para uma data próxima do martírio de Paulo, situado pelo ano 67. Uma vez que o autor se refere à liturgia do templo de Jerusalém como uma realidade ainda atual, tudo parece convergir para que os últimos anos antes da destruição de Jerusalém e do Templo, ocorrida no ano 70, sejam a data mais provável da sua composição.

TEOLOGIA

Este escrito estabelece uma relação entre o Antigo e o Novo Testamento numa perspectiva cristológica. O tema central é o sacerdócio de Cristo e o culto cristão. A novidade é grande: uma pessoa, Jesus Cristo, Filho de Deus e irmão

dos homens, é o Sumo Sacerdote superior a Moisés e comparável à figura misteriosa de Melquisedec. Pela sua morte e glorificação, Ele é o mediador entre Deus e os homens; o seu sacrifício substitui todos os sacrifícios antigos, que já não têm capacidade para elevar o homem até Deus. Pela sua morte, Cristo realiza o perdão dos pecados uma vez por todas, estabelece uma aliança nova e eterna com a humanidade e inaugura um novo culto, imagem do culto celeste.

A Carta apresenta várias vezes a Igreja como povo de Deus a caminho, e os cristãos, como alguém que partilha o destino de Cristo e é convidado a entrar no seu repouso. Há um itinerário cristão a percorrer, que passa pela conversão, pela fé perseverante, pela aprendizagem da Palavra de Deus e por uma vivência da caridade fraterna.

O cristão é aquele que se une a Cristo através da sua própria existência e não deve separar o culto da vida. Através de Cristo, o cristão oferece continuamente a Deus um sacrifício de louvor, no qual inclui toda a sua vida e particularmente o seu serviço aos outros e a sua caridade. Precisa de manter-se integrado na comunidade cristã, de escutar a Palavra e de se manter em comunhão com os responsáveis, pois não pode chegar a Deus sem estar unido a Cristo e aos irmãos. A oferta de Cristo ao Pai "uma vez para sempre" (10,10.14; ver 9,26.28) constitui o grande acontecimento escatológico. Por meio deste gesto histórico cumpriu-se o plano salvífico de Deus, embora continue a caminhada histórica da humanidade até à sua entrada na glória. Quando todos os inimigos forem submetidos a Cristo e for vencida a morte e todas as forças históricas, teremos então a realização do último acto da História salvífica.

APOCALIPSE

Apocalipse é um termo grego que significa "revelação". "Revelação" é, na verdade, o título com que o último livro da Bíblia aparece em algumas edições. O estilo deste livro é estranho para a cultura ocidental, mas enquadra-se perfeitamente na mentalidade semita

As raízes desta literatura encontram-se no Antigo Testamento (Isaías, Zacarias, Ezequiel e sobretudo Daniel), mas também em vários livros judeus que não entraram na Bíblia: Henoc, 2 Esdras e 2 Baruc. Estes últimos já foram escritos depois da destruição do Templo. Foi principalmente nestes livros que se inspirou o autor do APOCALIPSE DE JOÃO.

GÉNERO LITERÁRIO

É uma literatura própria das épocas de crise e de perseguição, em que se procura "revelar" os caminhos de Deus sobre o futuro, para consolar e encorajar os justos perseguidos, dando-lhes a certeza da vitória final. Era muito comum no fim do AT e mesmo no tempo em que foi escrito o NT, pois vivia-se um ambiente apocalíptico.

Estava-se no "fim dos tempos", isto é, adivinhava-se uma revolução global, com uma radical mudança no modo de ser e de viver. Para isso, muito contribuiu a decadência do Império Romano e as guerras da Palestina, que levaram à destruição do Templo e de Jerusalém, no ano 70. Daí os três textos apocalípticos dos Evangelhos Sinóticos, direta ou indiretamente ligados à destruição de Jerusalém: Mt 24-25; Mc 13; Lc 21.

LIVRO

Caracteriza-se por imagens grandiosas e simbólicas, constituídas por elementos da natureza, apresentadas em forma de visões e "explicadas" ao vidente por um anjo. Tais imagens são tiradas do AT, dos apocalipses judaicos, dos mitos e lendas antigas. Assim, o papel dos anjos (7,1-3); o livro selado (5,1); o livro para comer (10,1-11); as trombetas (8,2), as taças (15,7), os relâmpagos e trovões (4,5;10,3).

Estas imagens sugerem mais do que descrevem, e grande parte delas nada tem a ver com a realidade. Trata-se de puros símbolos (1,16; 5,6; 21,16), que podem referir-se a pessoas, animais, números e cores, deixando ao leitor um espaço para alguma criatividade e "inteligência" (13,18; 17,9).

As visões simbólicas são projectadas no Céu, para dizer que pertencem ao mundo espiritual, da fé, e o que nelas se revela acontece também na terra. Duas forças antagónicas estão em luta permanente: o Dragão - a possível personificação do império romano, no tempo de Domiciano (81-96 d.C.) - e o Cordeiro: Cristo, Cordeiro pascal, é o vencedor der todas as forças do Mal.

OCASIÃO, FINALIDADE E AUTOR

A perseguição a que se refere o APOCALIPSE poderia ser a que açoitou as igrejas da Ásia no tempo do imperador Domiciano, por volta do ano 95. Também havia as perseguições internas, isto é, as heresias, sobretudo os nicolaítas (2,6.15), os marcionitas e os que prestavam culto ao imperador.

O livro pretende responder à questão: "Quem manda no mundo? Os tiranos, os senhores da Terra, ou o Senhor do Céu?" Este paralelismo entre o Céu e a Terra assegura aos crentes que Deus os acompanha a partir do Céu, e a História

segue o seu curso na Terra sob o controlo de Deus e não sob o controlo dos poderes maus. O "vidente" vive na terra, mas vê o que se passa no Céu e transmite aos seus irmãos sofredores a certeza de que Jesus está com eles e a sua vitória está para breve.

O simbolismo, por vezes irracional, de que o autor se serve para transmitir esta esperança aos perseguidos, assegura aos cristãos que o Reino de Deus ultrapassa a História que eles estão a viver e ao mesmo tempo, é uma linguagem secreta para os perseguidores.

O autor apresenta-se a si mesmo como João e escreve em Patmos - pequena ilha do Mar Egeu - onde se encontra desterrado por causa da fé (1,9). A tradição identificou este João com o Apóstolo João, mas não existem argumentos suficientes para o comprovar (Mt 4, 21; Jo 21, 1-14).

ESTRUTURA E CONTEÚDO

O APOCALIPSE apresenta diversas hipóteses de estrutura. Propomos uma divisão em duas partes, depois de uma Introdução (1,1-20):

Introdução (1,1-20):

Introdução e saudação: 1,1-8;

Visão do Ressuscitado: 1,9-20.

I. Cartas às Sete Igrejas (2,1-3,22):

Sete cartas às igrejas: Éfeso, Pérgamo,

Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.

II. Revelação do sentido da História (4,1-22,5):

O trono de Deus: 4,1-11;

Sete selos: 5,1-8,5;

Sete trombetas: 8,6-11,19;

Sete sinais: 12,1-15,4;

Sete taças: 15,5-16,21;

Queda da Babilónia: 17,1-19,4;

Triunfo de Cristo. Nova Jerusalém: 19,5-22,5.

Epílogo (22,6-21).

TEOLOGIA

O APOCALIPSE exprime a fé da Igreja da "segunda geração cristã", isto é, do tempo dos discípulos dos Apóstolos. A doutrina do Corpo Místico (Jo 15,1-8; 1 Cor 12,12-27) recebe aqui nova dimensão: Cristo está no meio dos sete candelabros (1,13) e tem na mão direita as sete estrelas (1,16), símbolos das sete igrejas, que personificam a Igreja universal; Ele é apresentado no mesmo plano que Javé e com os mesmos atributos: é "o Senhor dos senhores e Rei dos reis" (17,14; 19,16), aquele que tem um "nome que ninguém conhece" (2,17; ver 1,8.18; 2,27; 3,12; 14,1; 15,4; 19,16).

Deus é o único Senhor da História, apesar das forças conjugadas de todos os senhores deste mundo; por isso, acontecimentos do AT, como o Êxodo, as pragas do Egipto, teofanias, destruições... servem de pano de fundo das novas intervenções de Deus na História do presente.

No meio desta História, a Igreja aparece como espaço litúrgico onde o Cordeiro tem presença permanente, fazendo da comunidade "o céu" na terra. Isso não impede que as forças do Mal estejam em luta constante com ela (e com o Cordeiro: 2,3.9.10.13); 3,10; 6,9-11; 7,14).

Por isso, o APOCALIPSE não pretende predizer nem "revelar" pormenores sobre o futuro da Igreja e da Humanidade, mas conferir a certeza na bondade de Deus, que Se manifestou em Cristo. Também não "fecha" a Bíblia; mas abre diante do leitor crente um caminho de esperança sem fim: "Eu renovo todas as coisas." (21,5) "Eu venho em breve (...). Vem, Senhor Jesus!" (22,7.20).

in **Bíblia Sagrada** *Difusora Bíblica* **,com acrescentos, cortes e adaptações**

NOTA FINAL:

Concluimos, aqui, 25 sessões onde trabalhamos sobre o essencial para o conhecimento das grandes linhas que orientam a biblioteca "BÍBLIA". Iniciamos, agora, um novo separador que titulamos: "**É pela sede que aprendemos a água – Reflexões**", onde vamos refletir sobre conteúdos específicos da Bíblia e sempre a partir do Novo Testamento. Exemplos: O nascimento de Jesus, o Batismo de Jesus, o Sermão da Montanha, as Parábolas nos sinóticos, os milagres, os sinais em João, a Última Ceia, etc... etc..... etc...

É com imenso gosto que guardamos a sua companhia.